

Semiótica da cegueira: *alteritas* na academia

The semiotics of blindness: *Alteritas* at University

Martins JC-Mapera

Universidade Licungo
ORCID: B114-1404-3A0F

Palavras-chave: Semiótica da cegueira, Estereótipos, *Alteritas*, Poder.
Keywords: Semiotics of the blindness, Stereotypes, Otherness, Power.

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara
Livro dos Conselhos

Em 1995, José Saramago disferiu uma crítica tenaz com o romance *Ensaio sobre a cegueira*, que começa com uma epígrafe, a todo nível, magnífica: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. Este início do romance é uma configuração exegética terrível, pois a função fundamental desta epígrafe é retratar a complexa derrocada da condição humana, originada por uma peste que, aos poucos, assola o mundo, reduzindo-o à ignorância de meros seres obcecados pelo poder. Na essência, ver e não ver são um e mesmo fenómeno de individuação¹ e de configuração da ganância, da construção da imagem e do belo. Nesta “coisa” toda que faz parte do quotidiano, há pessimismos e optimismos. Mas, há também o medo de perder a ilusão. Há o temor de perder a ganância e de perder a ambi-

¹ O ensaio de filosofia aplicada à felicidade, intitulado *individualogia* (2019), de Filipe Ricardo Ferro de Pinho Calhau, aconselha o seguinte: “Não se pode estar sempre a fugir do desconforto que pode exigir um bom exercício-hermenêutico. Não pode estar a fugir do desconhecido, criando-se a ilusão de que já se o conhece, desvalorizando-o. Não se pode estar sempre a fugir da dor. Se queremos compreender uma determinada logicidade, temos em primeira mão de procurar conhecê-la. Temos de nos afirmar com disponibilidade para o efeito. Temos de nos exercitar-hermenêuticamente para o efeito. [...] Temos de ter a «inteligência-emocional» para admitirmos a possibilidade de estarmos errados, quando nos deparamos com algo que (direta ou indiretamente) coloque em causa, mesmo as mais profundas e enraizadas crenças e convicções. Vejo muitos intelectuais-conservadores que pararam no tempo, por causa do ego. O ego faz-nos parar no tempo. Faz-nos estagnar. Não nos deixa evoluir. Por causa da eterna fuga do desconforto e dificuldade na imediatidade. Por vezes a verdade dói. Dói ver, dói ouvir. Dói consciencializar. Principalmente quando se está apegado a alguma ilusão” (Calhau, 2019, p. 65-66).

ção. Estes casos surgem como sinal de degeneração e idiossincrasia. A questão do “ser e não ser”, que emerge como virtude da modernidade, passou a assumir contornos epidémicos. Nietzsche atribui ao pessimismo o predicado “niilismo”, porque representa uma decadência fisiológica da beleza do pensamento humano. Na verdade, todo o humano tem a particularidade de querer ser diferente à luz da linguagem e do discurso que, como se sabe, são fenómenos inteiramente peculiares. Por isso, José Augusto Mourão, um teólogo esteticista, diz que o “belo como defende-nos de qualquer risco de transcendência, garantindo a rigorosa horizontalidade das relações poéticas em conformidade com o imperativo a que se dobra o pensamento mágico” (Mourão, 2017, p. 51). Extraordinário na textualização das suas ideias, Mourão publicou, em 2011, um livro intitulado *Quem vigia o vento não semeia*². Apesar de existir uma espécie de arrogância “suave” na concepção estética do mal, esta construção arroga-se à máxima popular segundo a qual “quem semeia vento colhe tempestade”.

José Saramago, cuja obra citei num artigo coligido no livro intitulado *Políticas da língua, da comunicação e da cultura no espaço lusófono* (2019)³, organizado por Moisés de Lemos Martins e Isabel Macedo, constitui a principal inspiração deste texto. O romance de Saramago, com a estampa da Editora Leya, tem o título seguinte: *Ensaio sobre a cegueira* (Saramago, 2016)⁴. Este sublime título serviu como estandarte iluminador de grande parte da obra do romancista. E como foi bem referenciado por Zeferino Coelho, que escreveu as notas editoriais da obra, o universo romanesco de José Saramago é marcado por uma forte dimensão retórica para descrever um “acontecimento, inesperado, inexplicável e irreal”, mas a clareza e elegância do texto prendem o leitor em todas as facetas de interpretação.

Escrevo “Semiótica da cegueira: *alteritas* na academia” para dar resposta a duas solicitações académicas. A primeira tem que ver com a chamada/convite que me foi formulada para ser orador no Congresso Internacional “Torre de Babel: alteridade e estereótipos”, pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Obviamente, era preciso encontrar uma temática que respondesse intimamente aos objectivos ideológicos que caracterizam os povos e conduzem a humanidade, desde o princípio. Ora, desta primeira razão defluiu o segundo raciocínio, relativo à importância de autonomia/competência académico-científica na universidade, às liberdades fundamentais e aos assuntos dos direitos humanos. Julguei que esta temática tivesse enquadramento perfeito na escrita romanesca de Saramago, porque revela-se uma construção literária rica em metáforas e ironias que insinuam a forma como os estados-nação se estruturam.

No diálogo que José Saramago manteve com Zeferino Coelho, o autor revelou que a personagem conhecida como “mulher do médico” era a única descegada, no

² Moisés de Lemos Martins, que prefaciou a publicação feita em 2017 intitulada *O vento, a palavra e o sopro, o espelho e o eco*, relata um profundo conhecimento do autor sobre as humanidades.

³ O artigo a que me refiro é “O triunfo das elites ou o êxito da retórica”.

⁴ Edição recente, a que tive acesso, e consubstanciou o manuscrito do presente artigo intitulado “Semiótica da cegueira – *alteritas* na academia”.

meio de todos os vendados (cf. Coelho, 2016, p. 10). A mulher do médico recopila, na minha opinião, tudo o que se pode dizer acerca da “Torre de Babel”, porque simboliza a sabedoria existencial de uma personagem que defende a integridade da linguagem e da personalidade dos cegos colocados em quarentena por tempo indeterminado e sujeitos a todo o tipo de sevícias. José Saramago percebe muito bem o carácter ambíguo e plural das narrativas bíblicas, e, de acordo com a sua honestidade intelectual, não se esquece de pôr em proeminência uma linguagem eufémico-antagónica cuja semântica é, mesmo assim, inteligível: “e se fôssemos ficar assim para o resto da vida, Nós, Toda a gente, Seria horrível, um mundo todo de cegos” (Saramago, 2016, p. 63). O novo testamento da Bíblia Sagrada diz o seguinte a respeito da Torre de Babel:

a terra toda tinha uma só língua e um só idioma. / Os homens deslocaram-se para o oriente e acharam um vale na terra de Sinar; e passaram a habitar ali. / E disseram uns aos outros: Vamos fazer tijolos e queimá-los por completo. Os tijolos lhes servirão de pedras, e o betume, de argamassa. / Disseram mais: Vamos edificar uma cidade para nós, com uma torre cujo topo toque no céu, e façamos para nós um nome, para que não sejamos espalhados pela face de toda a terra. (Génese, 11. 1-4)⁵

“Um mundo todo de cegos”, isto é claramente horripilante. Publicado em 1995⁶ (faz agora 25 anos), o romance saramaguiano parece que foi escrito para desempenhar a função proleptico-profética, antevendo uma série de problemas que causam enorme sofrimento humano, na contemporaneidade. É uma forma de olhar o abismo⁷ do futuro. As doenças endémicas, como a cegueira, a covid-19, o egoísmo, a ganância pelo poder, a ausência da ética, o analfabetismo, o terrorismo tribal, étnico e religioso, os problemas socioeconómicos, o desassossego de natureza política e antropológica, o belicismo das redes sociais e das metáforas configuradoras da semântica de desolação, demonstram que a obra do Nobel de Literatura (1995) transmite uma inspiração judaico-cristã manifestada por grandes profetas da humanidade. Ou seja, o autor imagina um universo em que, com o tempo, o aumento da população mundial favorece o surgimento de mais cegos, de mais problemas epidémico-funcionais. Nesta ordem de ideias, há uma dimensão grotesco-escatológica que incide sobre a fragilidade das relações humanas, que se move entre o mal e o bem. Veja-se a passagem seguinte que simboliza a arrogância do soldado de pistola em punho:

⁵ Cf. o Antigo Testamento da *Bíblia Sagrada Almeida Século 21*, da Sociedade Religiosa em parceria com Edições Vida Nova, de São Paulo.

⁶ Data da primeira edição. A última edição foi publicada em 2016, pela Editora Leya.

⁷ Gertrude Himmelfar publicou numa polémica colectânea de ensaios intitulada *On looking into the abyss*, (Nova Iorque, Alfred A. Knopf, 1994). Nesse texto, o autor atirou-se contra as teorias e teses da estética pós-moderna e, sobretudo, contra o estruturalismo de Michel Foucault e o desconstrucionismo de Jacques Derrida e Paul de Man, “correntes de pensamento que lhe pareciam vazias comparadas com as escolas tradicionais de crítica literária e histórica” (Losa, 2012, p. 85). Mario Vagas Losa não partilha, porém, a visão que desvaloriza o filósofo francês Michel Foucault, tendo em conta a sua contribuição na concepção das teorias sobre “as estruturas do poder”, implícitas no seu (Foucault) discurso, que privilegia os grupos sociais homogêneos.

quietos todos aí, e calados, se alguém se atreve a levantar a voz, faço fogo a direito, sofra quem sofrer, depois não se queixem. [...] Está tudo dito e não há volta atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida, ficam todos avisados, e que ninguém tenha a ideia de ir lá fora busca-la, vamos pôr guardas nesta entrada, sofrerão as consequências de qualquer tentativa de ir contra as ordens, a comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga. (Saramago, 2016, p. 135)

Apesar da “misantropia” e “demasiadas deceções” (Saramago, 2016, p. 36) na vida das personagens, a mulher do médico (fingida de cega), consegue criar um ambiente que ameniza o sofrimento das mais vulneráveis figuras da narrativa, graças à sua actuação flebilmente inigualável. Pois, ela “levantou os olhos” (Saramago, 2016, p. 139), perante situações de desespero da comunidade dos cegos. Saramago é, sem dúvidas, um cinematólogo que usa a ficção como laboratório de ensaio das ciências sociais e humanas. A situação protagonizada pelo sargento é “contra todas as regras da humanidade”. É por isso que todas as personagens, incluindo os soldados, vivem um ambiente de medo.

Na composição épico-romanesca, o heroísmo nasce da negação pragmática das configurações do mundo exterior. Nesta óptica, George Lukács ensina-nos que “enquanto o mundo é intrinsecamente homogêneo, os homens também não diferem qualitativamente entre si” (Lukács, 2007, p. 66), e acrescenta – o mais importante para esta reflexão –, o seguinte: “há heróis e vilões, justos e criminosos, mas o maior dos heróis ergue-se somente um palmo acima da multidão de seus pares, e as palavras solenes dos mais sábios são ouvidas até mesmo pelos mais tolos” (Lukács, 2007, p. 66). E para se ser mais radiante no pensamento individual, dir-se-á que a homogeneidade não consubstancia ausência de *alteritas* arcadianas, nem idiosincrasias platónicas, pelo contrário, significa a volatilidade e a plasticidade/liberdade do pensamento e a solenidade do conhecimento.

Revindo José Augusto Mourão, anote-se que “a palavra faz ver, através da narração e da descrição, um visível não presente” (Mourão, 2017, p. 51). É claramente isso que o *Ensaio sobre a cegueira* procura mostrar, através das suas linhas de costura diegética, das suas metáforas e das suas imagens. Se, por um lado, as personagens romanescas perdem as liberdades fundamentais e o poder de existência humana, por outro, recuperam a alma das estruturas sociais, quando elas (as estruturas) não aparecem apenas como mecanismos de aglutinação e cristalização em alma, procuram obter sobre os homens faculdades sobrenaturais irrisórias, cegas e sem excepções para a sua própria subsistência (cf. Lukács, 2007, p. 65)⁸. Agindo desta forma, as personagens refutam a sua própria “alienação” enquanto seres simbolicamente imaginários, mas representativos da comunidade gregária da existência humana: “um cego é sagrado, a um cego não se rouba” (Saramago, 2016, p. 79).

O conselho do narrador de *Ensaio sobre a cegueira* deriva de uma visão humanística, quando atribui qualidade de sacralidade às pessoas desapossadas do conhecimento natural das coisas. Na prática, a cegueira priva o homem do

⁸ Em *Teoria do romance*, Georg Lukács explica a natureza conflituosa em que surge o heroísmo no romance e na epopeia.

poder de contemplação do real e de interação, através de imagens e do ambiente exterior. As aparências deslumbrantes da cegueira descaracterizam as grandes figuras de alteridade e do imaginário concomitante de uma desmaterialização do real, à luz do mesmo processo de acumulação e de aceleração. De outro modo, o real perde a sua dimensão de alteridade ou de espessura selvagem. Vejamos um exemplo prático de resistência das personagens da obra em alusão:

num passado remoto, razões e metáforas semelhantes haviam sido traduzidas pelo impertérrito otimismo da gente do comum em ditérios como este. Não há bem que sempre dure, nem mal que ature, ou, em versão literária, Assim como não há bem que dure sempre, também não há mal que sempre dure. (Saramago, 2016, p. 212)

O profundo desalento e a lucidez crítica veiculados pelo ditério metafórico são recorrentes em todos os capítulos do romance saramaguiano, atingindo o cume expressivo nas seguintes passagens: não há “mal que ature”, “o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” e “quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira” (Saramago, 2016, p. 128). Construções deste tipo radicam numa crítica filosófica que mostra que se caminha, de facto, para “os últimos dias da humanidade”⁹, como bem escreveu Eric Hobsbawm, no seu ensaio sobre *Tempos de rutura: cultura e sociedade no século XX* (2014).

Recorde-se, como já ficou dito atrás, que a cegueira priva o homem do poder de contemplação do real. Deste modo, adquirem significado prevalentemente ideológico – na concepção aristotélica da palavra – expressões como esta: “não há bem que sempre dure”, ou a sua correlata “não há mal que sempre dure”. Os ditérios metafóricos, tomados como base de uma crítica generalizada de valores, configuradores de um espaço social predominantemente atópico, são, normalmente, acompanhados por um fenómeno lírico, patente em outras obras do autor, nomeadamente *Memorial do convento* (1982), *A jangada de pedra* (2986), *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004), onde o romancista denuncia os problemas de natureza política, cultural e social que assolam a Ibéria, bem como o resto da Europa e Portugal, em particular.

Saramago questiona a apatia do poder na resolução dos problemas da sociedade. A cegueira, que nos é sugerida pelo romance, surge como o pináculo da incapacidade do sistema de inventar soluções para os principais problemas da maioria. A metáfora da cegueira branca, por exemplo, simboliza, por assim dizer, a principal pedra de toque dessa incapacidade, que torna difícil o diagnóstico efectivo de tais problemas. E a pior das desgraças, na minha opinião, é que tal incapacidade afecta, infelizmente, as academias, as universidades, a ciência, que não são capazes de produzir novidades, através das pesquisas, ensaios e narrativas científicas de toda a espécie. Parece que chegamos à era de “espectáculo civilizado”, sugerido pelo escritor peruano Mario Vargas Llosa, em 2012, ou à

⁹ O título deste ensaio retoma o título da obra de Karls Kraus, cuja primeira publicação veio à estampa em 1918.

“sociedade do espectáculo”, de Guy Debord (2012)¹⁰. Na actualidade, o papel da universidade subverte-se à luta pelo poder, à procura de vida fácil na economia, na política e na governação. Este novo espectáculo faz com que a vida dos professores doutores associados, auxiliares e estagiário, especialistas e mestres se inscreva num monólogo crítico de criatividade ao longo de toda a sua existência no mundo da ciência. A este propósito, vale a pena reter o testemunho de George Steiner, que consta de *Linguagem e silêncio: ensaio sobre a literatura, a linguagem e o inumano*:

há um número insólito de académicos dotados para a exibição histórica; com demasiada frequência, ideias que na realidade, são complexas, hipotéticas e problemáticas vêm-se servidas ao público, que é convidado a engoli-las, sem explicação e sob forma simplificada, como se fossem verdades definitivas. (Steiner, 2014, p. 375)

Sem dúvida, nota-se, na universidade, comportamento inabitual de “académicos dotados para a exibição” de “ideias [...] complexas, hipotéticas e problemáticas”. A consciência desassossegada de George Steiner, que regista com atenção as suas inquietações, conduz, em seguida, à revelação mais patética e questionadora do seu pensamento, quando afirma que o público é convidado a “engolir” com simplicidade como se fossem “verdades definitivas” e acabadas, pensamentos que, na prática, correspondem à displicência e à ausência do sentido crítico de academia.

Nesta óptica, poder-se-á afirmar que, afinal, a temática da cegueira ultrapassa as fronteiras da iátrica oftalmológica, porque, como se vê, a escassez de uma actividade criativa de pesquisa e de produção de soluções práticas para os grandes problemas, a falta de consideração, por outro lado, pelas elites políticas dos poucos estudos realizados no terreno de investigação tornam-se na principal pedra angular da inutilidade da época em que vivemos. A universidade dos nossos tempos não se coíbe a promover intrigas descompassadas do ritmo de desenvolvimento intelectual. Consequentemente, alguns académicos não acompanham, por exemplo, o cadenceio acelerado das transformações climáticas, do derrame da ética e da falta de uma educação açodada à velocidade do abismo. Afinal, quem cria o objectivo que paira por cima de toda a humanidade e do indivíduo? Friedrich Nietzsche tem explicação inovadora para essa questão filosófica: “Dantes a moral era uma medida de preservação: mas já ninguém quer preservar, não há nada a preservar. Estamos assim reduzidos a uma moral experimental, cada um tem de postular um objectivo para si” (Nietzsch, 2012, p. 144).

Como se constata, a imoralidade significa, por outras palavras, a construção de uma reserva de ruína genética. Ora, toda a instituição que não segue os princípios académicos está sujeita a desalentar, transformando-se, obviamente, em espaço de desolação e inconveniência. Alguns quererão culpar a instituição pela incapacidade de induzir a comunidade a realizar práticas ontologicamente

¹⁰ Guy Debord afirma que na sociedade do espectáculo há uma apetência clara da “imagem à coisa”, da “cópia ao original”, da “representação à realidade”, da “aparência ao ser”; “o que é sagrado para ele não é senão a ilusão, mas o que é profano é a realidade” (Debord, 2012, p. 7).

éticas. Mas, quem lê Franz Kafka descobrirá que o “pátio onde dirigimos o nosso olhar é pequeno” (cf. Kafka, 2015, p. 97). Pragmaticamente dito, um acadêmico que não age com base em princípios da ética e da moral destrói as linhas de progresso e não constitui exemplo a ser seguido pelos aspirantes, aqueles que almejam ascender a patamares de pesquisa e da ciência. Não apresentando soluções, o acadêmico contemporâneo não mostra nada que se pareça com o título que ostenta, torna-se, portanto, o pior cego supérfluo da humanidade:

se o cego encarregado de escriturar os ilícitos ganhos da camarata dos malvados tivesse decidido, por efeito de uma iluminação esclarecedora do seu duvidoso espírito, passar-se para este lado com os seus tabuleiros de escrever, o seu papel grosso e o seu punção, certamente andaria agora ocupado a redigir a instrutiva e lamentável crônica do mau passado e outros muitos sofrimentos destes novos e espoliados companheiros”. (Saramago, p. 155)

Redigir crônicas e instruções, fazer pesquisas, produzir saberes, organizar pensamentos úteis para a sociedade exige lucidez. Não é por “falta de interesse intelectual”, como diz Saramago (Saramago, 2016, p. 295), tampouco por falta de meios e motivos de pesquisa, pelo contrário, o que acontece é deslizar o cérebro para uma modorra mental, como um animal que se dispõe a hibernar, “adeus mundo”, cerrando as pálpebras e seguir com os olhos da alma as peripécias do enredo até ao desenlace trágico da narrativa. Resta como fio de esperança redentora, a capacidade de a academia influir na responsabilidade dos acadêmicos mais abonados, em termos de instrução escolar, do que as criaturas que protagonizam as histórias que acontecem, lamentavelmente, no nosso quotidiano. O romancista português resume este episódio “mal-desbastado” de forma terrível: “há uma grande diferença entre um cego que esteja a dormir e um cego a quem não serviu de nada ter aberto os olhos” (Saramago, 2016, p. 99).

O núcleo diegético do romance de Saramago é simples, tal como uma escrita exemplar exige, não é na visão ilocutória de base que reside o interesse maior do romance, mas no conexo processo de construção discursiva que restringe e potencia o material narrativo, necessariamente humilde. Essa noção nota-se, claramente, nos liames conclusivos da história da “cegueira branca”, pois, como ficou registado, é fácil perceber que “mais nos pertence o que veio oferecer-se a nós do que aquilo que tivemos de conquistar” (Saramago, 2016, p. 284). Apenas a sabedoria do narrador nos pode abrir a vista para vermos e discernir o trigo do joio, porque a inconsciência e a falta da ética configuram-se em “mau cheiro” que se desprende da “imensa lixeira como uma nuvem de gás tóxico” (Saramago, 2016, p. 284).

No romance, antes do surgimento da procissão dos cegos em quarentena obrigatória, como o que acontece com o novo coronavírus no mundo inteiro, o início da história situa-se no espaço público, no semáforo, onde o primeiro cego ficou imobilizado com a sua viatura, e de seguida, veio o bondoso ladrão que se ofereceu a prestar socorro, conduzindo-lhe até à casa para, depois, roubar-lhe o veículo. Daí para frente, seguiu-se um ritmo sistemático de propagação da cegueira, atingindo, em pouco tempo, proporções inacreditáveis. Mas, o mais incrível é pensar que se trata de azar divino, imaginar que “pode ter sido obra

de algum desesperado da fé”, uma vez que o problema da cegueira afecta, igualmente, “todas as imagens da igreja”, que ostentam, igualmente, “olhos vendados” (cf. Saramago, 2016, p. 291).

Uma coisa impressionante nas personagens de Saramago é o seu altruísmo religioso; a disciplina estético-retórica, com que agem na reinvenção da vida, a força e a união entre elas, o espírito de ajuda mútua, entre outras formas de organização afectiva nessa luta contra a cegueira colectiva e individual. Mas, como disse, a cegueira não é somente uma virtude do mal, é, antes de mais, um mal que cria a sua própria proibidade no inverso do bem. Para dar conta da gravidade da mesologia social na perspectiva da metáfora da cegueira, Saramago deplora “os pestíferos contágios” (Saramago, 2016, p. 224) que se propagaram em tão pouco tempo no espaço imaginário do romance. A gravidade do problema foi mais acentuada ainda, ao ponto de comparar os cegos a esculturas enfileiradas em museu, sem que ninguém os contemple, nem lhes preste a devida atenção. Transpondo esse pensamento para a realidade actual, dir-se-ia que, sendo a preguiça figurativa uma característica dominante da classe média-alta, é ao nível da produção científica que se nota a maior fragilidade dos académicos. A escassez da produção científica agrava as febres analépticas do decesso intelectual e, como se sabe, o decesso é, para todos os efeitos, uma desgraça que nos conduz à ruína e para o além-mundo da miséria, que permanecerá por tempo planetário, enquanto não se despertarem os prodígios da ética e da deontologia investigativa.

Os sociólogos Peter L. Berger & Thomas Luckmann publicaram um livro muito interessante, intitulado *A construção social da realidade: um livro sobre a sociologia do conhecimento* (2010)¹¹. Os pormenores de carácter sociológico são importantes para o rápido contágio da cegueira pela comunidade romanésca, porque uma das razões tem que ver com as especificidades axiais do ambiente, a construção de estereótipos, ou, de alteridades na base das circunstâncias próprias da natureza das pessoas. Na verdade, o que diferencia o homem-académico de outras espécies humanas é a sua complexidade, contribuindo, de forma insofismável, para a sua estratificação natural. Analise-se o que a sociologia de Berger e Luckmann diz a respeito dos estereótipos humanos:

não existe um mundo do homem no sentido em que se pode falar de um mundo do cão ou de um mundo do cavalo. Apesar de uma área de aprendizagem e acumulação individual, o cão ou o cavalo, como indivíduos têm, em geral, uma relação fixa com o seu ambiente, do qual participam com todos os outros membros da respectiva espécie. (Berger & Luckmann, 2010, p. 59)

A consequência imediata é óbvia. É que os cães e os cavalos, em comparação com o homem, estão mais circunscritos à irracionalidade na sua actuação como animais biologicamente distintivos. A especificação do ambiente desses animais é, porém, muito mais do que uma delimitação geográfica. Por seu turno, o espaço-ambiente do homem-académico, instruído, portanto, torna-o um ser

¹¹ Esta é a terceira tiragem do livro, sendo que a primeira edição foi publicada em 1999, sob chancela da Editora Dinalivro.

diferente do reino da crueza. Esta afirmação adquire pertinácia semântica se considerarmos o facto de que esse ambiente é, ao mesmo tempo, um ambiente natural e um ambiente humano. Ou seja, “o ser humano em desenvolvimento não só se relaciona com o ambiente natural próprio, mas também com uma ordem cultural e social específica” (Berger & Luckmann, 2010, p. 60).

Na obra de José Saramago, é notória, por exemplo, a forma como algumas personagens mimetizam o ambiente-animal envolvente, rompendo, com eficácia, as fronteiras entre a arte e a vida, personagem e leitor, geografia romanesca e espaço de convivência humana. Deflui, portanto, desta postura romanesca, a diversificação de espaços e de público, mantendo, no entanto, um rumo estético, que envolve o espaço infestado pela cegueira despiedada. Essas personagens assumem atitudes bélicas, agressivas e denotam, por assim dizer, falta de inteligência para a solução de problemas de gestão de conflito decorrente da penúria de meios para suportar o peso da calamidade. O seu infortúnio é sempre imputado à falta de meios, à insuficiência de condições para proporcionar vida melhor aos cegos que vivem em estado de “lockdown” total. Com efeito, num ambiente onde não há entendimento, tomam lugar as agremiações desestruturadas, a desobediência, a desordem, a anarquia e a ambição. Saramago previu/interpretou melhor esse ambiente. Por isso, as suas personagens assumem um comportamento pedagógico caracterizado pela solidariedade colaborativa:

não temos alternativa, [...] além disso, a regra agora, aqui dentro, vai ser a mesma que nos impuseram lá fora, quem não quiser pagar, que não pague, está no seu direito, mas nesse caso não comerá, o que não pode é estar a alimentar-se à custa dos outros. (Saramago, 2016, p. 137)

Esta intervenção cirúrgica foi feita por uma das mulheres cegas. Na verdade, a sua lógica assenta sobre a teoria de que há, na comunidade, personagens ociosas, aquelas que em nada contribuem para o desenvolvimento, nem mesmo partilham o pouco conhecimento que possuem, reinando nelas o egoísmo e a maldade. Mas como não há o bem sem senão, nem pirronismo sem o bem, o médico, uma das personagens mais esclarecidas da história, devido ao seu *status* social, à formação e à cultura, emitiu uma opinião que foi considerada válida para todos os efeitos: “daremos todos e daremos tudo” (Saramago, 2016, p. 137). O médico ensina as lições elementares de solidariedade e quebra estereótipos e alteridades, ao considerar que é necessário que os cegos partilhem os recursos que possuem, para que não haja, notoriamente, diferenças entre elas. Para ele, segundo este posicionamento, não há diferenças entre as personagens. Nesta passagem textual, Saramago parece corroborar com o posicionamento comunista de Max Weber, quando escreve *Ciência e política como ofício e vocação*:

seria injusto imputar às personagens menores as faculdades ou ministérios a responsabilidade pelo facto de haver tanta mediocridade a ocupar um lugar tão proeminente na universidade. Devemos procurar a cooperação entre diferentes organizações e, nesse caso, a cooperação entre faculdades que propõem candidatos e os ministérios que os nomeiam. (Weber, 2017, p. 61)

Uma situação paralela, que existe em algumas instituições públicas e privadas, é o procedimento de designação de dirigentes para as áreas sensíveis de funcionamento da instituição, o exemplo magnífico deste tipo de problemas. Um director, ou chefe de departamento, ou repartição de uma unidade orgânica de ensino ou de pesquisa, um director de qualquer órgão central de universidade, por assim dizer, deveria consubstanciar a correspondente qualidade técnica, mas também a disciplina académica que caracterizam o profissional do ensino superior.

O drama de tudo isto reside na desarmonia que há entre a vontade de ver e a impossibilidade de enxergar; entre a desgraça que envolve as personagens e a construção social da realidade; entre a necessidade de ser e a desconstrução do impossível. A leitura de *Ensaio sobre a cegueira* deixa-nos o prazer estético e o privilégio de nos engradecer com a mestria de um conto-romanesco, na sua caligrafia elegantemente pedagógica, mas acima de tudo, carregado de uma educação crítica graciosa. Fica a humanidade com o medo da cegueira que brada os céus, mas também com o desejo de continuar cega, porque “só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são” (Saramago, 2016, p. 126). Esta conclusão é fantástica, porque, na modernidade, a humanidade transformou-se numa etnia de feras que digladiam entre si.

José Saramago cria uma ficção realística que nos alerta para o egocentrismo, a falta de solidariedade e de intropatia, surgindo, deste modo, como a personagem mais importante do romance, que melhor interpreta a semiótica literária da cegueira. Faz-nos perceber, parece-me, que o que vivemos hoje, como resultante da fadiga poética de solidariedade, é algo que repercute a imagem poética do escárnio ou a regeneração estética do mal: todos estamos cegos, “Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem” (Saramago, 2016, p. 299). E a humanidade tem medo da fronteira do mal, porque caminha aos poucos para a ruína global.

Referências bibliográficas

- Berger, p. L. & Luckmann, T. (2010). *A construção social da realidade: um livro sobre a sociologia do conhecimento* (3ª ed.). Lisboa: Dinalivro.
- Bíblia Sagrada*. São Paulo: Vida Nova.
- Calhau, F. R. F. p. (2019). *Individualogia: filosofia aplicada à felicidade*. Lisboa: Chiado Publishers.
- Coelho, Z. (2016). Notas editoriais. In *Ensaio sobre a cegueira* (pp. 7-12). Lisboa: Leya.
- Debord, G. (2012). *A sociedade do espectáculo*. Lisboa: Antígona.
- Hobsbawn, E. (2014). *Tempos de rutura: cultura e sociedade no século XX*. Lisboa: Divina Comédia Editores.
- Kafka, F. (2015). *O processo*. Porto: Porto Editora.
- Losa, M. V. (2012). *A civilização do espetáculo*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Lukács, G. (2007). *Teoria do romance* (3ª Reimpressão). Lisboa: Presença.
- Mourão, J. A. (2017). *O vento e fogo, a palavra e o sopro, o espelho e o eco*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Nietzsch, F. (2012). *A vontade de poder*. Lisboa: Alfanje.
- Planas, E. (2020). Ensayo sobre la ceguera cumple 25 años: cómo José Saramago se anticipó a la cuarentena por el coronavirus. Disponível em: <https://elcomercio.pe/luces/libros/ensayo-sobre-la-ceguera-cumple-25-anos-como-jos-e-saramago-se-anticipo-a-la-cuarentena-por-el-coronavirus-noticia/?ref=ecr> (consultado em 25-03-2020).
- Saramago, J. (2016). *Ensaio sobre a cegueira*. Lisboa: Leya.
- Weber, M. (2017). *A ciência e a política: como ofício e vocação*. Lisboa: Relógio D'Água.

Resumo

Dois fenómenos básicos servem como pontos de partida para esta comunicação: por um lado, a cegueira branca, que se propaga de forma espectacular, afectando, em pouco tempo, muitas pessoas que são, depois, recolhidas para a quarentena colectiva e obrigatória; por outro, a metáfora que o texto de José Saramago nos leva a descortinar e as suas virtualidades atemporais, permitindo compreender os estereótipos e alteridades que caracterizam a humanidade de hoje. O texto estabelece relações de interpretação contextualizada com a realidade e com as vivências em todas as áreas político-filosóficas e sócio-culturais. Importa por isso, compreender as figurações e a semântica discursiva do romance, bem como o encadeamento dos significados textuais com a vida actual, a mudança de comportamento humano, as questões da ética, do saber ser e saber estar.

Abstract

There are two events that set out this presentation. On the one hand, there is a “white blindness” dramatically expanding and quickly affecting many people who then must be in compulsory and collective quarantine and; on the other hand, the metaphor which Jose Saramago’s text allows us to uncover its timeless virtues as well as to understand the stereotypes and the otherness that characterize today’s humanity. The text sets out context-based interpretation relationships with life in all political-philosophical and sociocultural dimensions. It is therefore important to comprehend the manifestation and the discursive semantics of the novel as well as the relationship between the textual meaning and real life, changes in human behavior, ethical issues of knowing to how to be.

